

## NO EVANGELHO DA GRAÇA, A MENSAGEM É: “ARREPENDEI-VOS!”

---



*“Porque pela graça sois salvos, por meio da fé, e isto não vem de vós, é dom de Deus; não vem das obras, para que ninguém se orgulhe. Pois fomos feitos por ele, criados em Cristo Jesus para as boas obras, previamente preparadas por Deus para que andássemos nelas.”* (Efésios 2.8-10 – Almeida Século 21 – cf. Mateus 3.2; 4.17; Atos 2.38)

A passagem bíblica acima é um texto conhecido pela maioria das pessoas que se dizem cristãs. Dificilmente alguém que frequentou (ou frequenta) uma igreja evangélica regularmente, não ouviu pelo menos uma vez a menção desse

texto. E posso afirmar, sem medo de errar, que em todas as vezes que esse texto foi citado, a referência foi feita na intenção de ensinar algo sobre a salvação eterna através do sacrifício do Senhor Jesus na cruz do Calvário. Porém, ainda que o contexto primário do texto bíblico esteja relacionado à doutrina da salvação, as palavras do apóstolo Paulo direcionadas ao efésios possuem princípios de vida muito mais profundos do que aqueles que normalmente imaginamos. Mais do que um tratado sobre salvação, os três últimos versículos do capítulo dois da carta do apóstolo Paulo à Igreja em Éfeso servem para nos ensinar o real significado do que seja adorar a Deus *“em espírito e em verdade”* (cf. João 4.23).

Vivemos em mundo marcado por transformações culturais, sociais e tecnológicas. Muitas conceitos que têm relevância hoje, em um curto espaço de tempo serão considerados arcaicos e ultrapassados. E as igrejas evangélicas não têm ficado imunes a essas transformações. Um exemplo disso é que, na “doutrina da Graça” pós-modernista, se difunde a ideia de que o Senhor Jesus nos **aceita** como estamos. Mas, ao contrário do que é ensinado, *“Deus não diz que nos aceita como estamos, Ele diz que nos recebe como estamos. E nos transforma”* (Ariovaldo Ramos). Podemos perceber um exemplo dessa verdade em um dos sermões o Senhor Jesus onde Ele declarou: *“Vinde a mim..., e eu vos aliviarei”* (cf. Mateus 11.28), isto é, aceitação e transformação.

Muitas igrejas estão inculcando na mente e no coração das pessoas que ela agrega, o conceito de uma “graça divina” capaz de relativizar ou diminuir o valor das Sagradas Escrituras como nossa única regra de fé e prática. Em muitas comunidades, ditas evangélicas, se prega um conceito de Graça, que não tem graça alguma aos olhos de Deus. Nos dias atuais muitos cristãos têm confundido “contextualização social” com conformismo ético e moral. E isso tem acontecido mesmo com essas pessoas estando plenamente cientes de que elas *“não devem se conformar com os dogmas do mundo em que vivem, mas devem transformar a si mesmas através da renovação do entendimento”* (cf. Romanos 12.2 – texto bíblico parafraseado).

Uma enormidade de pessoas autodenominadas “evangélicas” tem removido o contexto das palavras do apóstolo Paulo ao efésios e afirmado que, uma vez que a salvação ocorre tão somente por meio da fé, sendo ela um dom de Deus (cf. Efésios 2.8), nós temos total liberdade de vivermos a nossa vida da forma como acharmos melhor – satisfazendo todos os nossos apetites carnis, sem que precisemos nos preocupar se a nossa praticidade de vida está agradando a Deus ou não, pois a própria Palavra de Deus afirma que “*onde abundou o pecado, superabundou a graça*” (cf. Romanos 5.20). O resultado disso tem sido o surgimento de uma geração de pessoas que trocaram a “Graça do Evangelho” pela “graça dos evangélicos” e diante disso passaram a viver uma vida totalmente dissoluta, com conceitos e valores piores do que muitos que ainda não conhecem a Cristo.

Talvez você pergunte: “Não é essa a mensagem apregoada pelo Evangelho da Graça? A de nos conceder uma vida de total liberdade, em todas as áreas, como sempre sonhamos?”. A resposta é: não! E a própria Palavra de Deus nos revela isso. Observe:

A mensagem do Evangelho da Graça antes do ministério do Senhor Jesus na terra é:

“E, naqueles dias, apareceu João Batista pregando no deserto da Judéia e dizendo: **Arrependei-vos, porque é chegado o Reino dos céus.**” (Mateus 3.1-2)

A mensagem do Evangelho da Graça durante o ministério do Senhor Jesus na terra é:

“Desde então, começou Jesus a pregar e a dizer: **Arrependei-vos, porque é chegado o Reino dos céus.**” (Mateus 4.17)

A mensagem do Evangelho da Graça após o ministério do Senhor Jesus na terra é:

“E disse-lhes Pedro: **Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para perdão dos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo.**” (Atos 2.38)

No Evangelho da Graça, a mensagem é: “**Arrependei-vos!**”. Sem arrependimento, a Graça de Deus não gera o impacto esperado em nós. Sem um arrependimento contínuo, continuaremos sendo pessoas estranhas àqueles geradas no coração de Deus, mesmo que tenhamos recebido a Jesus como nosso único e suficiente Salvador. Isso porque a salvação – aplicação da obra de Cristo na vida do indivíduo – atua de forma contínua e constante na vida do crente. E o que é arrependimento? O verbo “arrepender-se”, do grego μεταμέλομαι (*metamélomai*), significa “*mudar de mente ou propósito*”. Sempre envolve no Novo Testamento uma mudança para melhor. O verbo envolve tanto um afastamento do pecado quanto uma volta para Deus. No Antigo Testamento, a chamada ao arrependimento é feita à nação, enquanto no Novo Testamento, ela é dirigida ao indivíduo<sup>1</sup>. Não se

<sup>1</sup> VINE, W. E.. *Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Trad. Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 415-416 p.

trata de uma volta puramente externa, nem de uma mudança de ideias meramente intelectual, mas a decisão mediante a qual o homem inteiro se volta<sup>2</sup>.

De volta à narrativa bíblica inicial, podemos observar que o apóstolo Paulo declara: “*pela graça sois salvos*” (cf. Efésios 2.8). A expressão “*sois salvos*”, do grego *ἐστε σεσῶσμένοι* (*éste sesôsménoi*), está no tempo perfeito, que no grego traz a ideia de “*vocês foram salvos e são salvos agora*”<sup>3</sup>. A chamada ao arrependimento fica sendo uma chamada ao discipulado, pois há ainda arrependimento necessário ao cristão, com relação a pecados específicos (cf. 2Coríntios 7.9; Apocalipse 2.5). Trata-se de um efeito contínuo da obra de Cristo nós. Em Cristo o arrependimento não é questão de obedecer a uma lei, e, sim, a uma Pessoa. **A Graça de Deus não apenas justifica, mas também resulta em um estilo de vida transformado.** A marca de um genuíno arrependimento não é uma mudança de opinião, mas uma mudança de vida. De forma que a questão não é se você um dia foi **persuadido** pela Palavra, a questão é se você um dia foi **transformado** pela Palavra.

Mas o que todas essas coisas têm haver com adoração? Tudo. Isso porque a adoração a Deus através de cânticos, poesias etc., é apenas um dos muitos ramos de uma árvore cujas raízes se chamam vida. De forma que, se você não vive aquilo que você canta/declara a Deus, na realidade você não está adorando, mas apenas mentindo...

Em sua carta o apóstolo Paulo afirma que nós “*fomos feitos por Deus, criados em Cristo Jesus*” (cf. Efésios 2.10). E quando Paulo se refere àquele que está em Cristo como “nova criatura” (cf. 2Coríntios 5.17), ele não se refere a “novo” no tempo, o que é recente, mas “novo” quanto a forma ou qualidade; a natureza diferente daquilo que é posto em contraste com o velho. É uma vida de nova qualidade em contraste com o seu antigo modo de vida<sup>4</sup>.

Para ilustrar o conceito acima, imagine você conseguindo transformar um cordeiro (herbívoro) em um leão (carnívoro), e depois disso o forçasse a se alimentar de pastagens... Isso seria impossível, pois na condição de uma nova criatura, o cordeiro transformado em leão só conseguiria se alimentaria de carne. Da mesma forma, não há possibilidade de que alguém, que tenha realmente experimentado o novo nascimento, continue a viver a mesma vida de sempre, discernindo todas as coisas do mesmo modo de antes de se converter.

No encerramento do capítulo Paulo afirma que nós fomos “*criados em Cristo Jesus para as boas obras, previamente preparadas por Deus para que andássemos nelas*” (cf. Efésios 2.8). O termo “boas obras” se refere a qualquer atividade cuja beleza reflita a honra e glória a Deus. Essas “boas

<sup>2</sup> COENEN, Lothar & BROWN Colin. *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. Trad. Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. 419-421 p.

<sup>3</sup> *Novo Testamento interlinear grego-português*. Barueri: SBB, 2004. 714 p.

<sup>4</sup> VINE, W. E.. *Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Trad. Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 823 p.


obras” não são um produto **para** salvação, mas um produto **da** salvação<sup>5</sup>. Não somos salvos **pelas obras**, mas somos salvos **para as obras**. Paulo conclui afirmando que essas obras foram “*previamente preparadas por Deus*” para nós. Isso implica dizer que Deus tem um projeto de vida com cada um de nós, de forma que a adoração, não é o que você faz. Adoração é como você vive.

Para vivermos a vida de um autêntico adorador, precisamos mais do que nunca de um relacionamento íntimo com Jesus. E conhecê-Lo é muito mais do que saber quem Ele é. Conhecer a Jesus é desfrutar de experiências intrínsecas e poderosas com Ele.

O Senhor Jesus quer que você O conheça da mesma forma como Ele conhece você. Saiba que Jesus ama você muito mais do que você O ama, pois a gente só pode amar quem conhece – uma vez que o conhecimento sempre envolve uma troca mútua na relação. Talvez seja por isso que o apóstolo Paulo tenha declarado: “*tenho também por perda todas as coisas, pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor*” (cf. Filipenses 3.8).

*Soli Deo Gloria.*

---

 Reflexão baseada no sermão – de mesmo título – ministrado em 08/09/2012, na Igreja Metodista Livre do Brasil em Baeta Nevez - São Bernardo do Campo/SP.

---

<sup>5</sup> RICHARDS, Lawrence O.. *Guia do leitor da Bíblia: Uma análise de Gênesis a Apocalipse capítulo por capítulo*. Trad. Alexandre Lacnit e Arsênio Novaes Netto. Rio de Janeiro: CPAD, 2005. 798 p.